

Faltam vagas para residência

Raquel Virginia Rocha Vilela

Professora (UFMG e Michigan State University)
raquelrvv@yahoo.com.br

A especialização médica

Há muito tempo, venho observando o movimento oscilatório que o Brasil vive na área educacional. Por vezes, chego a ter vertigem, e acredito que nem mesmo as autoridades do Ministério da Educação saberiam explicar a atual situação.

O aumento impulsivo do número de faculdades, universidades e centros universitários chega a deixar os nossos jovens confusos.

Além da natural indecisão com a escolha profissional, agora, eles também são abatidos com as inúmeras opções de instituições de ensino superior.

O panorama é assustador. Comparativamente, é como espalhar sementes com potencial germinativo em concreto armado. Esses jovens fazem o Enem (não é preciso nem comentar a desorganização), prestam exames vestibulares e enfrentam longos anos de graduação. Mas, e depois?

Depois que se formam, esses profissionais são, literalmente, “jogados” no mercado de trabalho, que, a cada dia, está mais exigente.

Outro dia, parei para fazer uma análise estatística superficial. Consultando sites do governo, procurei saber sobre a situação em que se encontram os estudantes que escolheram a medicina como profissão.

É importante mencionar que esse curso é o mais caro e um dos mais concorridos em todo o Brasil. Analisei primeiro o número de vagas oferecidas em todo território nacional. Se levarmos em consideração as regiões, podemos assim destacar: Norte – 802 vagas; Nordeste – 3.636 vagas; Centro-Oeste – 1.340 vagas; Sul – 1.576 vagas; e Sudeste – 9.674 vagas.

Esses números significam que, todos os anos, formam-se no Brasil cerca de 17.028 médicos.

Até aí não vemos problemas, já que os currículos foram ajustados para as faculdades formarem profissionais generalistas, que poderão exercer a medicina em programas como o Saúde da Família.

Mas a realidade não é só essa. Mais uma vez, procurando nas estatísticas, me deparei com algo muito grave.

Em todo o país, são oferecidas apenas 489 vagas de residência médica para todas as especialidades aprovadas pelo Conselho Nacional de Residência Médica.

Em síntese, mais de 17 mil médicos disputam, anualmente, menos de 500 vagas de especialização.

É constitucional, todo cidadão tem o direito de fazer uma especialização e manter-se atualizado. Mas, o recém-formado em medicina hoje, no Brasil, não tem muitas opções.

Apesar do enorme interesse em se capacitar, resta a esse profissional apenas o caminho do Saúde da Família. Então, o que vemos é a usual prática de encaminhamento de pacientes para outros serviços. Ou seja, mais uma vez, a população é prejudicada.

Isso me faz lembrar o educador Paulo Freire: “O conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica dessas relações”.